

Série- História da Arqueologia

PRONAPA - Uma História da Arqueologia Brasileira Contada Por Quem A Viveu –
Entrevistado - Prof.º Dr. Ondemar Dias em Janeiro de 2014

Por Jandira Neto (IAB, maio / 2014)

**O que foi o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA)?
Quais os seus objetivos? Quem o fez acontecer? Qual sua importância para a
formação científica da Arqueologia Brasileira?**

Histórico

O nosso modo de “fazer” arqueologia, nasceu em função do nascimento da própria arqueologia brasileira.

As primeiras pesquisas arqueológicas no Brasil aconteceram na Região de Lagoa Santa, em Minas Gerais e foram desenvolvidas pelo norueguês Peter Lund ainda no século XIX. Lund é considerado o predecessor mais conhecido, mas outros como Roquete Pinto, José Antero Pereira Júnior, Angione Costa e tantos outros também podem ser citados como pioneiros.

Até 1954, o trabalho de arqueologia no Brasil era feito por pesquisadores amadores como Aníbal Matos e Helio Diniz, da Academia de Ciências de Minas Gerais. Mas naquele mesmo ano (1954) foi trazido para São Paulo o Congresso Internacional de Americanistas, quando se comemorava o IV Centenário daquela cidade, o que tornou este ano um marco da arqueologia brasileira. O Congresso foi a oportunidade de se reunir especialistas estrangeiros com pesquisadores brasileiros como Castro Faria do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que depois veio a ser seu diretor, José Loureiro Fernandes da Universidade Federal do Paraná, que fundaria o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) e Paulo Duarte do Museu Paulista.

Neste congresso, estes especialistas de então, tiveram a oportunidade de discutir a questão da cientificidade da arqueologia brasileira com os pesquisadores internacionais presentes e decidiram convidar esses e outros profissionais da área para dar cursos no Brasil. A ideia era simples: ao invés de tentar enviar pessoas

para estudar fora a alto custo, ficaria mais em conta trazer professores capacitados para o Brasil.

Com este intuito Jose Loureiro Fernandes fundaria em 1958 no Paraná o CEPA com o objetivo de formar pesquisadores brasileiros em arqueologia.

O primeiro arqueólogo a ser convidado para dar essa formação foi o americano Wesley Hurt (Indiana University) que trouxe as premissas da metodologia americana de campo, originando o primeiro movimento com viés mais profissional na arqueologia brasileira. Foram seus alunos Wilson Rauth (PR) e Oldemar Blasi (PR). Destes, o Prof. Wilsom Rauth foi o discípulo que adotou e adaptou o método para estudos em sambaquis brasileiros, enquanto o Prof. Oldemar Blasi passou a atuar no Museu Paranaense.

Em **1960** o diretor do CEPA convidou o casal francês Joseph e Anette Laming Emperaire , do Museu do Homem de Paris, para dar sequência ao projeto. Foram alunos desses pesquisadores: Niede Guidon (SP), Luciana Palestrini (SP), Maria José Menezes (PR), Margarida Andreatta (SP), Maria da Conceição Beltrão (RJ). Nesta etapa do curso a pesquisa centrou-se no sambaqui do Guaraguaçu, no litoral paranaense.

Em 1962, após a morte de Joseph Emperaire, que faleceu em virtude de um acidente de campo em uma caverna na Patagônia, somente Madame Anette Emperaire (como ficou conhecida no Brasil) veio ao Brasil para dar o curso.

A turma de **1962** foi composta por Maria José Reis (PR), Margarida Andreatta (SP), Maria da Conceição Beltrão (RJ), Ignácio Schmitz (RS) e Alfredo Rohr (SC) (ambos padres jesuítas), Walter Piazza (SC), José Proença Brochado (RS), Silvia Maranca (SP), Andréia Loyola (MG) e **Ondemar Dias (RJ)**. Este grupo realizou suas pesquisas de campo no Sambaqui do Toral, no Sambaqui da Ilha dos Rosas II e na Gruta do Wobeto, indo do litoral de Antonina a Manoel Ribas, no segundo planalto paranaense.

Com estes dois cursos consolidou-se no país a metodologia de abordagem europeia, especialmente a minuciosa perspectiva francesa de trabalho. Em termos gerais, valorizou-se a abordagem de tratar o sítio do particular para o geral.

Em **1964** o casal convidado foram os americanos Clifford Evans e Betty Megers, arqueólogos da Fundação Smithsonian de Washington (EUA). Seus discípulos foram **Ondemar Dias (já pelo IAB)**, Walter Piazza (SC), Wilson Rauth e Igor Chmyz (PR), José Proença Brochado (RS), Silvia Maranca (SP), Valentin Calderon (BA), Mário Simões (PA), Fernando Altenfelder (SP), Nássaro Nasser (RN) e Heloísa Fenelon (RJ) pelo Museu Nacional.

Destacou-se no curso dos Evans, denominado como Seminário de Ensino e Pesquisas em Jazidas Cerâmicas, a introdução de um novo método de interpretação de dados provenientes das análises cerâmicas, designado Método Ford. Este método, já testado em diversas partes do globo, em particular se mostrou de extraordinária relevância para o entendimento da potencialidade do material arqueológico, então com ênfase no material cerâmico. Ampliaram as possibilidades interpretativas, baseadas nas micro -diferenciações e nas análises quantitativas dos dados de modo surpreendente.

Até aquele momento, não havia no Brasil onde, nem como colocar na prática esta nova metodologia de modo a poder ser testada de uma forma ampla e integrada. Assim sendo, nas reuniões em que cada participante relatou suas experiências, tornou-se clara a necessidade de ser organizado um plano de atuação conjunta capaz de experimentar o método e discutir sua aplicação, tanto na forma teórica quanto na prática. A ideia partiu, inicialmente, dos pesquisadores mais velhos e experientes, sobretudo Valentín Calderón (já radicado na Bahia), Mário Simões (que representava o CNPq no evento) e de seu colega de muitos anos, Fernando Altenfelder. Os pesquisadores mais novos, sobretudo professores universitários, cujos horizontes se mostravam difíceis de prever frente ao recente golpe militar, aderiram vigorosamente à proposta que permitiria se testar o novo método.

Foi sugerida e aceita a realização de um Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) a ser desenvolvido pelos pesquisadores presentes e patrocinado pelo CNPq (em especial pelo Museu Goeldi, que se responsabilizou pelas publicações e reuniões) e pela Smithsonian Institution. A coordenação científica do projeto ficaria a cargo e sob a responsabilidade do casal Evans.

Como início do processo, os presentes discutiram a criação de uma terminologia brasileira para cerâmica e a divulgação da metodologia de campo, baseada na perspectiva americana de conhecer o sitio do geral e deste partir para o especial. Foi organizada a planificação básica, discutidos os procedimentos e ao Dr. Mario Simões coube à responsabilidade da obtenção da licença legal junto ao IPHAN para sua execução.

O PRONAPA não foi o primeiro Programa que se valeu da abordagem de campo extensiva nem da aplicação do método Ford. No Peru e em Costa Rica, Programas similares já haviam sido experimentados antes e continuaram mesmo durante o programa brasileiro. Mas apesar de não ser o primeiro, o PRONAPA foi o mais completo, aquele de maior envergadura e que obteve os mais prontos resultados.

Deve ser destacado que desde a fase de planejamento ficou estabelecido que as verbas destinadas ao Programa fossem usadas exclusivamente para a cobertura das despesas da pesquisa, e que cada pesquisador participante somente pudesse receber o salário da instituição a qual estivesse profissionalmente filiado. Ondemar Dias trabalhava na época em três instituições: Na Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico, do Governo do Estado da Guanabara, na UFRJ e no IAB. Inicialmente representou a Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico, do Governo do Estado da Guanabara no Programa e não a UFRJ ou o IAB por dois motivos. A UFRJ deveria ser representada pela pesquisadora Dra. Heloisa Fenelon (Museu Nacional) também presente no seminário, mas esta não assumiu a tarefa por motivos que nos escapam até hoje e na realidade esta vaga nunca foi preenchida. O segundo motivo porque o IAB não poderia ser, já que naquela época não pagava salários aos seus pesquisadores.

O objetivo do PRONAPA era o de levantar a potencialidade da maior área possível para futuras abordagens, áreas definidas, sobretudo em função de bacias hidrográficas. Coletar “populações de artefatos culturais” através da abordagem em termos de prospecções de superfície e subsuperfície. Tais populações seriam prospeccionadas e coletadas em procedimento de escavação por meio de níveis artificiais de 10 em 10 cm; analisadas em laboratório pela metodologia corrente em todo o mundo, mas cujos dados resultantes, estes sim, seriam submetidos às **técnicas interpretativas** propostas pelo método Ford.

A pesquisa foi então organizada para ser feita em cinco regiões do Brasil, com instituições e profissionais treinados no método durante o seminário, este já adaptado por eles para estudos em material arqueológico, em especial, mas não exclusivamente, a cerâmica. Wilson Rauth, por exemplo, atuou no PRONAPA escavando sambaquis no Paraná, submetendo seus dados laboratoriais ao mesmo método de interpretação.

O plano de ação para o Programa foi previsto para ter a duração de três anos, mas em função dos excelentes resultados alcançados logo no início, foi ampliado para cinco anos (1965 a 1970). Importante enfatizar que após um ano de trabalho foram introduzidos mais dois pesquisadores, Celso Perota no Espírito Santo e Eurico Miller, no Rio Grande do Sul.

Inicialmente fizeram parte do PRONAPA os seguintes pesquisadores:

- Na Região Sul a pesquisa foi desenvolvida por José Brochado (RS) e depois também por Eurico Miller. No Paraná por Igor Chmyz e Wilson Rauth. Em Santa Catarina por Walter Piazza.

- Na Região Sudeste, em São Paulo por Silvia Maranca, no Rio de Janeiro e Minas Gerais por Ondemar Dias e no Espírito Santo por Celso Perota.
- No Nordeste por Valentín Calderón, na Bahia e Nássaro Nasser no Rio Grande do Norte.
- Região Norte, por Mario Simões na Amazônia Legal.

Ainda que não participasse do Programa, Ignácio Schimitz do Instituto Anchietano de Pesquisas (RS) adotou sua metodologia e desenvolveu anos de profícuas pesquisas no seu Estado, em Goiás e no Mato Grosso do Sul.

Vale aqui ressaltar que uma das maiores contribuições do PRONAPA foi a de que, em função das reuniões anuais em que participavam **todos** os seus integrantes, **todas** as descobertas de campo, **todas** as análises de laboratório e **todas** as interpretações de dados eram discutidas em conjunto. Em função disto, foi possível formular **a primeira visão integrada da arqueologia brasileira**. Esta estrutura inicial foi divulgada no livro “Arqueologia Brasileira em 1968” do Museu Goeldi e constituiu um plano tão bem elaborado que serve de base até hoje (passados 46 anos) para orientação de **todas** as pesquisas arqueológicas em nosso país. Foi através deste plano básico que se tornou possível identificar Tradições Culturais pelas comparações sistemáticas de trabalhos extensivos e intensivos, fundamentados nos mesmos parâmetros, articulados segundo a mesma metodologia e utilizando a mesma terminologia, postos a discussão e debate sob análise de especialistas diversos. Todos os dados eram colocados à disposição do colegiado de forma clara, compreensiva e sem reservas. O objetivo era fazer ciência. No período entre 1970 (encerramento das pesquisas de campo) e 1973 foi proposto que se fizesse a redação da publicação final do Programa, com a realização de uma reunião conclusiva na Smithsonian Institution, em Washington (EUA).

Como nem todos os pesquisadores participantes concluíram seus trabalhos e com o falecimento de Valentín Calderón (BA), tal texto não chegou a ser completado ou publicado. Mesmo assim, o Programa serviu de base inicial para diversos outros Projetos que se seguiram pelo Brasil afora, ampliando as perspectivas iniciais. No IAB deu partida aos Programas Vale do São Francisco e Grutas Mineiras em Minas Gerais, Programas Litoral Fluminense e Serras Fluminenses no Rio de Janeiro e outros que aprofundaram e expandiram as descobertas anteriores. Na mesma época Simoes idealizou um programa de pesquisas específico para a região amazônica – Programa Nacional Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica - PRONAPABA, mas devido as suas muitas

atividades este só aconteceu na década de 1970 com a contribuição das equipes de Ondemar Dias, Eurico Miller e Celso Perota. Quanto ao PRONAPA, podemos dizer que, seus próprios autores ultrapassaram as informações e as conclusões propostas inicialmente, suas sementes se multiplicaram, cresceram e frutificaram no solo fértil da então nascente Arqueologia Brasileira.

Ainda durante a vigência do PRONAPA, em 1966, Anette Emperaire voltou a dar aulas no CEPA, e dentre seus novos discípulos estavam Celso Perota (ES), Marcos Albuquerque (PE) e Braz Pepe (IAB-RJ) entre outros. Na década de 1970, a mesma mestra trouxe ao Brasil a Missão Franco-brasileira para Lagoa Santa e no seu bojo o pesquisador André Prous.

Naquela década, portanto, configuraram-se de forma clara no Brasil, as linhas mestras que conduziram a pesquisa arqueológica em nosso país, em especial pela simbiose que cada pesquisador, à sua maneira e segundo seu entendimento, mesclou ambas as “escolas” aproveitando o melhor da sua potencialidade.

O que ficou metodologicamente dessas escolas para a Arqueologia Brasileira?

A Metodologia e a Práxis de Campo - Semelhanças e diferenças entre as metodologias francesa e americana.

O método de campo francês - Para entender a metodologia de campo francesa é preciso entender seus pressupostos teóricos. Para esta a “Arqueologia é um modo de se fazer história”, logo suas pesquisas são voltadas para a busca do conhecimento da pré-história europeia.

A metodologia de campo francesa trazida por Anette Emperaire para o Brasil foi baseada nesta epistemologia teórica, na qual a premissa original partia do fato de que **extensivamente** a pré-história do continente europeu já era suficientemente conhecida no século XX, carecendo, no entanto, de novos aprofundamentos. A metodologia, portanto, centrava-se em sítios novos ou reabordados, visando adentrar no seu conhecimento mais particular e deste para o geral. Seu foco era examinar **intensivamente**, minuciosamente o objeto (sítio) de modo particular e fazer as inferências deste para o geral (desde que os padrões culturais europeus já eram bem conhecidos), complementando e/ou confirmando as tradições culturais já distintas ao longo do tempo.

A práxis francesa abordava então o sítio em sua **especialidade**, numa visão ampla utilizando a técnica de **escavação por decapagem** que é até hoje

empregada por estes para escavar sítios europeus de modo abrangente e em toda a sua extensão. Nesta prática, todos os achados devem ser deixados *in situ* nas camadas naturais/culturais em que forem encontrados, fotografados, depois topografados em croquis, e somente após esse procedimento coletados. Seguido muitas vezes à risca este método funciona, ainda que sejam raros os locais em que o conhecimento extensivo seja pelo menos, em parte, tão bem conhecido como na França, por exemplo. Mas, algumas vezes no Brasil, também seus seguidores introduziram diferentes abordagens influenciadas por outras procedências: por exemplo, citamos a pesquisadora Lina Kneip (Museu Nacional) que escavou sambaquis do Rio de Janeiro utilizando o método francês, mas incluiu no procedimento “transectores” do método americano.

O método de campo americano - Como a história da América se inicia depois do século XVI, e os documentos escritos não penetram neste passado, a metodologia americana buscou suporte na Antropologia para entender os fenômenos culturais. Esta, “a ciência americana por direito próprio” na falta daqueles documentos, dedicou-se a elaborar teorias e métodos para desenvolver o estudo da cultura daqueles povos encontrados pelos europeus. Uma das suas fontes originais, por exemplo, foram os registros de “pueblos” que não tinham história escrita, mas que não obstante possuíam uma cultura bem desenvolvida e fundamentada na transmissão de conhecimentos através da manifestação material evidenciada na produção de artefatos.

A abordagem metodológica do método americano parte do conhecimento geral para o particular. Primeiro conhecer **extensivamente** a maior variedade possível de objetos (sítios), agrupá-los pelas suas semelhanças e diferenças, dentro de uma forma peculiar de definição – a tradição cultural. Somente depois de estabelecido o conhecimento amplo, extensivo, partir para o detalhamento através da pesquisa **intensiva** em sítios chave selecionados como os mais capazes de fornecerem respostas a problemas particulares.

Podemos dizer que a metodologia arqueológica de campo do Brasil é hoje uma fusão dessas abordagens?

Podemos dizer que no IAB fundimos ambas as perspectivas, fundamentando os anos que já superam meio século de experiência. Aqui a prospecção é feita através de níveis artificiais de 10 em 10 cm e assim registrados todos os eventos a

eles associados (artefatos, coloração, compactação, impregnações e etc.). Observa-se, rigorosamente, a composição natural (ou cultural) da camada, coletando-se o acervo de forma separada de acordo com tais traços. Somente no laboratório a camada ocupacional natural é “remontada” para estudos, e identificados os artefatos coletados segundo a camada cultural ou natural a que se vinculam.

Em nível de semelhanças adotamos todo um corpo teórico e prático compartilhado, em campo e laboratório. O laboratório será abordado em outra oportunidade, mas no campo (foco dessa entrevista), os processos de tratar e dividir o espaço e abordá-lo em divisões delimitadas, coletar e documentar o acervo podem até existir diferenças, mas são elas mínimas frente ao que é compartilhado na prática.

Essa metodologia mesclada (cabocla) desenvolvida e adotada pelo IAB, se desenvolveu no seio do PRONAPA e daí se expandiu, acabando por misturar com sucesso as duas propostas. Certamente que muitos outros procederam da mesma forma, mas o depoimento se baseia naquilo que construímos ao longo dos anos, acumulando experiência. E é em nome dela que podemos falar. Assim sendo, no IAB:

1 – A pesquisa é organizada pela abordagem americana – propõe-se fazer a prospecção **extensiva** para localização dos sítios. Levantar o potencial de áreas específicas, através de prospecções amplas, mas com abordagens variadas para as escavações subsuperficiais;

2- Após a localização e avaliação de seu potencial o sítio é então escavado e estudado de modo **intensivo** (francês);

3. Ao se estudar intensivamente um sítio em determinado local e identificá-lo como um novo achado, inicia-se uma nova busca (prospecção extensiva) por novos exemplares daquela tradição cultural no entorno. Exemplo: durante as prospecções do PRONAPA em Minas Gerais foi encontrado o Sítio do Gentio. À sua escavação, a equipe do IAB dedicou posteriormente 10 anos de pesquisas. Com base em seus dados pesquisamos diversos outros sítios em que os dados culturais do Gentio apareceram, dando sustentação ao que postulamos denominar como Tradição UNA no Brasil.

Quanto à práxis o IAB adota a abordagem americana para o “approach” inicial do sítio através da prospecção por setores amostrais e na medida em que o mesmo vai se apresentando adota a técnica francesa de decapagem e ampliação espacial sem nenhum problema ou comprometimento científico.

E as consequências? Quais as consequências dessa visão de mundo sobre as metodologias e práticas utilizadas pelos arqueólogos brasileiros, no que diz respeito ao conhecimento gerado sobre o patrimônio arqueológico brasileiro nos dias de hoje?

A visão de mundo do pesquisador brasileiro é essencialmente europeia. Falamos uma língua europeia, gostamos de ser considerados morenos civilizados, nos vinculamos à civilização ocidental com suas bases filosóficas greco-romanas, mas é inegável a nossa tríplice etnia. Isso sem falar em todas as contribuições genéticas e culturais que estamos recebendo em especial a partir do século XIX. Assim sendo, embora tecnicamente no geral não se pratique com exclusividade um ou outro método, encontramos tendências metodológicas tanto de um lado quanto do outro.

Pela escola de influência francesa, as mais famosas discípulas de madame Anette e de seus sucessores que adotaram essa posição teórica metodológica no Brasil em seus trabalhos foram: Niede Guidon e seu trabalho fixado na Serra da Capivara; Maria Beltrão no Sertão da Bahia, e Madu Gaspar em estudos de Sambaquis. Além de, naturalmente, André Prous.

Pela escola americana de Betty Megers e seu método Megers/Ford respondem hoje no Brasil seus discípulos Ondemar Dias, Eurico Miller, Ignácio Schimitz, Igor Chymz, Celso Perota, entre outros.

Quanto ao modo de fazer a coleta de material e de entender de forma extensiva a ocupação do sítio os pesquisadores brasileiros se dividem hoje em dois enfoques:

- **Abordagem por Prospecções Sistemáticas** – neste exemplo **todos os sítios de um compartimento natural** (um sítio e os demais no seu entorno) devem ser sistematicamente pesquisados objetivando-se compreender a ocupação de uma região por determinada tradição cultural. Consideram-se, sobretudo, como condicionantes as características naturais do ambiente e os fatores que podem ter servido de atratores ou de repulsa na escolha da localização do sítio por determinado grupo.
- **Abordagem por Prospecções Assistemáticas** - neste exemplo **todos os sítios de um compartimento artificialmente traçado**, (uma determinada área onde será implantado um projeto, como por exemplo, uma Linha de Transmissão) devem ser sistematicamente pesquisados objetivando-se compreender a ocupação de uma região por determinada tradição cultural. O

que é assistemático neste caso não é a técnica, mas a abordagem teórico-metodológica adotada. O método é aplicado seguindo a perspectiva de se pesquisar APENAS os sítios que se encontram no traçado da LT, da estrada ou de qualquer traço estabelecido no espaço, independentemente de sua natureza. Ou seja, o estudo obedece ao desenho do projeto e não à realidade ocupacional da região pesquisada. O sítio que estiver “fora” da faixa de domínio fica “fora” da abordagem naquela oportunidade. E o mais interessante é que seus seguidores costumam afirmar como sendo esta abordagem artificial a sistemática. Como se o homem pré-histórico houvesse adotado como critério construir suas habitações em uma “linha reta” que no futuro seria ocupado por uma de Linha de Transmissão. Neste caso ignora-se o fato de que o homem (em qualquer época) adota o sistema complexo da natureza para a escolha de sua moradia (água, vento, montanhas, tipo de solo etc.). Apesar de já sacramentada pelo uso, esta inversão não deixa de ser incorreta e no mínimo estranha.

Se pudesse voltar no tempo o que gostaria de retomar?

O contato com a parte científica, a troca de informações voltadas para a construção da ciência da arqueologia. Seria ótimo se aqueles que participaram desse processo (aqui citados ou não) também expusessem suas vivências neste espaço de publicação. Creio que os jovens arqueólogos brasileiros teriam muito a ganhar com a retomada de um conhecimento compartilhado sobre a arqueologia brasileira.